

RONALDO CORREIA DE BRITO

Faca
Livro dos homens

ALFAGUARA



Copyright © 2003, 2005, 2017 by Ronaldo Correia de Brito

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

As citações do *Eclesiastes*, reproduzidas no conto “Qohélet”, foram retiradas da transcrição de Haroldo de Campos (*Qohélet: Poema sapiencial*. Perspectiva, SP, 1990).

Capa

Daniel Trench

Foto de capa

5 *abismos* (detalhe), Felipe Cohen, 2011. Colagem em papéis Mi-tentes, 52 x 67cm.

Preparação

Fernanda Villa Nova de Mello

Revisão

Adriana Bairrada

Ana Maria Barbosa

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brito, Ronaldo Correia de
Faca ; Livro dos homens / Ronaldo Correia de Brito. — 1ª ed. — Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

ISBN 978-85-5652-044-9

I. Conto 2. Contos brasileiros I. Título. II. Título:
Livro dos homens

17-03905

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

I. Contos : Literatura brasileira 869.3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 — Sala 3001

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/alfaguara.br

twitter.com/alfaguara_br

Sumário

NOTA DO AUTOR	7
FACA	
A espera da volante	11
Faca	19
Redemunho	25
Deus agiota	35
O dia em que Otacílio Mendes viu o sol	39
O valente romano	44
A escolha	51
Mentira de amor	59
Cícera Candoia	66
Inácia Leandro	74
Lua Cambará	80
LIVRO DOS HOMENS	
O que veio de longe	101
Eufrásia Meneses	106
Qohélet	110
Brincar com veneno	120
A peleja de Sebastião Candeia	129
Milagre em Juazeiro	134
Mexicanos	145
Rabo de burro	152
O amor das sombras	156
Cravinho	165
Da morte de Francisco Vieira	170
Maria Caboré	177
Livro dos homens	184
Tempo de espera — Posfácio ao livro <i>Faca</i> Davi Arrigucci Jr.	193

Nota do autor

Faca saiu pela Cosac Naify em 2003, graças ao empenho do professor Davi Arrigucci Jr. e dos editores Augusto Massi e Rodrigo Lacerda. Embora eu escrevesse contos desde jovem, só havia publicado em antologias, jornais, revistas, e uma coletânea intitulada *As noites e os dias*, por uma editora de Recife, a Bagaço. Considero *Faca* o meu livro de estreia, quando eu tinha 51 anos. Segue-se *Livro dos homens*, em 2005.

Depois dos experimentos com a linguagem, tão ao gosto das décadas de 1970 e 1980, eu desejava contar histórias, de preferência alcançar uma escrita econômica e sem pirotecnias. *Faca* e *Livro dos homens* tiveram reimpressões, são adotados nos vestibulares e em algumas universidades, viraram teses de mestrado e doutorado. Vários contos ganharam versões para o cinema, a televisão e o teatro. *Faca* foi traduzido para o francês e o espanhol.

Acho alvissareira a edição em um único volume pela Alfabeta, onde venho publicando desde 2008, quando lancei o romance *Galileia*. As versões de 2003 e 2005 são ainda muito recentes e por isso preferi não revisar nem reescrever os 24 contos. Também levei em conta as encenações em cartaz e os projetos de cinema baseados nos textos.

Agora falo do meu contentamento em ver essas histórias novamente publicadas. Agradeço aos meus editores e desejo vida longa ao livro.

Faca

A espera da volante

*E Isaiás disse: Que viram eles em tua casa?
E Ezequias respondeu: Viram tudo o que
há em minha casa; não houve nos meus tesouros
coisa que eu deixasse de lhes mostrar.
(Profecia de Isaiás — 39,4)*

A notícia merecia fé, mesmo tendo sido trazida por Irineia, doida varrida para todos, mas sempre tão sã para o Velho. A volante policial vinha vindo, deixando um rastro de gemidos e desfeitas. Os soldados buscavam apenas três homens, mas no caminho alimentavam sua fúria de perseguidores maltratando qualquer um que houvesse dado guarida, por inocência ou interesse, aos perseguidos. Os sertões se abalavam nas passadas descalças dos assassinos, medrosos de deixarem sinais, e nas botas reiunas dos homens da justiça. Os tabuleiros não eram mais só das emas e seriemas, outros pés eram buscados por rastreadores, cães de faro agudo, que tudo viam e cheiravam. Irineia chegou pela estrada, de longe se ouvindo sua cantiga, um larilará alegre como as fitas do seu cabelo, como o ruço e o batom mal esfregado nos lábios. Sabia que na casa do Velho teria abrigo, pois as portas estavam sempre abertas. Quando houvesse ocasião, daria a notícia. Desejava descansar das noites dormidas debaixo das árvores, sujeita ao frio e aos assaltos do medo. O alpendre oferecia um chão limpo e cheirosas vigas de umburana, onde escorar o corpo moído. E, resguardando o repouso, um silêncio de nada falar e tudo dizer. Podia cantar se quisesse, ficar alegre ou triste. O Velho balançava a cabeça, ria manso, falava baixo. Era bom estar ali. Havia o alpendre na frente, onde o Velho ficava sentado, e, atrás, a casa de três vãos,

grande como a alma de um homem que vivera muito. Ninguém sabia quem existira primeiro, se o Velho ou a casa. Ele sempre fora visto ali, os cabelos perdendo o preto, como o dia, a luz.

Não havia pressa. O escuro não teria irremediavelmente que suceder o claro? Dava tempo de comer uma coalhada gorda com farinha e rapadura raspada, mexer o branco com o marrom até as cores e sabores se misturarem. Dava também para fumar um cigarro brabo enrolado em palha de milho, ver a fumaça subir e sentir a tontura leve, vinda devagar como a desgraça que se anunciava.

Irineia pensava na notícia. A lua era minguante e sua cabeça estava com todo o juízo, os pensamentos em correta ordem. Os dias de alvoroço haviam passado com a lua cheia. Cumprira o tormento de mulher atada à sina de uma loucura. Agora pensava no Velho, na maldade que o espreitava. Que poderiam contra aquele homem que olhava sereno para a frente, como quem tudo vê? Os soldados da volante entrariam pela casa, quebrariam os seus exíguos pertences, teriam a sensação de tê-la devassado. Nada. O Velho continuaria ali, firme, o peito cerrado. A casa possuía muitas portas e janelas, sempre abertas. Quem queria entrava. Uns não avançavam além do alpendre. Ao coração de uma casa, chega-se de olhos fechados.

— O tenente da volante soube que Chagas dormiu por aqui — disse Irineia de um pulo.

— Foi? — perguntou o Velho.

— Foi.

— Eu curei os pés dele. Estavam umas feridas feias. Dei água e comida.

Soprava um vento de fim de tarde, com gravetos e folhas secas. O Velho calara e olhava em frente. Desde a passagem de Chagas Valadão, tornara-se mais quieto, como se uma onda trouxesse o entulho de um tempo apagado da memória. Abriam-se arcas pesadas, de pertences esquecidos. Fora um instante perdido que Chagas trouxera, com a história de seu crime, seu rogo de absolvição. E o Velho abriu-lhe todas as portas e tratou-o com compaixão.

— Ele tinha praticado morte feia, ajudado por outros dois. Pediram arrancho numa fazenda e, na calada da noite, mataram os seus donos e um filho rapaz. Tinham intenção de roubo, mas não

encontraram nada. Derramaram sangue em vão — falou Irineia e mexeu-se no canto onde estava.

— Eu não vi isto nos olhos dele. Vi a vontade de escapar, de curar as feridas e matar a sede e a fome. Só depois que ele me contou tudo eu enxerguei o crime.

A lua era minguate. Irineia podia descansar o corpo dos espinhos das matas, aprumar a cabeça no rumo de pensamento certo. Eram tantas as estradas corridas, tão raros os pousos como a casa do Velho. Ali todos paravam. A fama da casa ia longe, e isso, talvez, tivesse atraído Chagas Valadão na sua fuga. Quem iria dar guarida a um assassino, com volante policial no seu rastro? Só o Velho, ou outro que tivesse interesse em dinheiro. O crime de Chagas partira o coração hospitaleiro dos sertanejos. E ele era maior criminoso por ser filho da terra e ter se valido do conhecimento das pessoas para alcançar o seu fim.

Quando a volante de policiais chegou da capital, muitos foram os que se apresentaram como voluntários, para ajudar na perseguição. Os criminosos se dividiram na fuga, tomando rumos diferentes. A volante também se dividiu. No princípio, os soldados tinham a simpatia e a solidariedade de todos. Mais tarde, a crueldade dos seus atos foi conhecida e passaram a temê-los.

A lei mais sagrada do sertão, a hospitalidade, fora ferida por Chagas e seus dois comparsas. As portas das casas se fechavam. Só o Velho continuava com as suas abertas. Passariam as tardes, entrariam as noites, e a vida dele seria um mesmo relógio de trabalho e espera. A terra abriria sulcos à sua enxada, colheria sementes de sua mão e daria frutos e cereais que matariam a sua fome e a de outros. As vacas e cabras seriam tangidas e, no fim do dia, afrouxariam os úberes, deixando o leite correr abundante. Bocas o beberiam. Redes seriam armadas, candeeiros acesos, cadeiras arrastadas, panelas postas a cozinhar. Conversas se prolongariam pela noite adentro, entre pausas e suspiros fundos.

Ninguém sabia há quanto tempo o Velho estava ali. Eram tantos os que passavam na sua porta, dormiam no seu alpendre, falavam para ele ouvir. O mistério da sua vida despertava boatos, contavam lendas sobre a sua vinda para aquele fim de mundo. Falava-se de

um crime cometido na juventude, um impulso de ódio, em terra muito distante. Do desejo de purgá-lo teria nascido a bondade, a compreensão para os desvalidos. Era o que diziam, mas ninguém tinha provas de nada. O Velho plantara-se ali, como se tronco fosse, e olhava-se para ele como para o juazeiro que dava sombra por dever de natureza, sem que nunca alguém lhe agradecesse. Falavam ainda da bondade como penitência. E ele era penitente de cumprir via-sacra de sofrimento e sangue, repetir o calvário todas as Semanas Santas ou quando não chovia. Vestia uma opa negra, saía cantando benditos e esmolando nas portas. O rosto coberto com um pano, por pudor de ser reconhecido. Em cada porta se cortava nas costas com um cacho de lâminas, até que o sangue molhasse o chão. As rezas cantadas no escuro da noite assombravam as pessoas, tementes de castigos que não compreendiam. Achavam demasiado aquele sofrimento. O Velho falava de uma promessa feita pela mãe, quando menino, para escapar de moléstia grave. Era pouco o que dizia de si.

Irineia aparecia sempre, escapada dos cães das estradas, da perseguição dos homens que queriam deitar com ela, do ciúme das mulheres abandonadas pelos maridos. Na casa do Velho descansava o corpo maltratado, sentindo-se salva de todos os perigos. Havia o mundo, onde cumpria sua sina de loucura e, num canto deste mundo, a casa do Velho, repouso dos medos. Para lá correria com a notícia dos perigos que se aproximavam. Só após ter falado pôde dormir um sono de descanso. A manhã seguinte guardava uma penosa despedida. Ainda encontraria o Velho? Ela não sabia. A única certeza naqueles dias era a volante policial sentenciando vidas. E ela estava chegando.

Irineia partiu logo cedo. Cantarolava a cantiga de sempre. Galinhos de manjerição nos cabelos, fitas de cores nos braços, caminhava livre pelas estradas. A lua cheia tardaria. O tempo era bom para afazeres certos, ganhar um comer no trabalho alugado. Uma cesta que nunca largava enchia-se do que ia encontrando pelos caminhos: molambos, pedaços de papel, xícaras sem aro, trapos de seda, caixinhas vazias de pó e ruge. Era tempo de se pôr bonita e andar. O Velho ficava para trás. Outros passariam pela casa, como todos os dias e sempre.

Os comboieiros chegavam tangendo os rebanhos. O verão cobria a terra de pelo. As noites quentes demoravam a passar, parecendo mais longas que de costume. O calor amolecia os corpos, despertando desejos adormecidos. Nos pastos, as vacas emprenhavam entre carreiras e mugidos. Cumpria-se o ciclo da estação.

Na cadeira de balanço, no alpendre, o Velho esperava. Todos os dias os viajantes relatavam notícias das andanças da volante, anunciando sua chegada. Luís Ferreira trouxera nova história. Era homem de se acreditar. O Velho o conhecia de muito tê-lo arranchado. Ele chegava com o seu comboio de aguardente e rapadura, os animais passados de cansaço. Esperava por ele uma boa roça de pasto, uma rede, um lençol alvo e uma conversa marcada por intervalos de silêncio. Com Luís, o Velho falava um pouco mais, apontava pedras no trajeto da sua vida, deixando que o comboieiro construísse um caminho até sua porta.

Ele contou que a volante apanhara um dos comparsas de Chagas. Os soldados arrancaram, uma por uma, as unhas dos pés e das mãos do criminoso, e o infeliz confessou tudo. Luís Ferreira temia a fúria da volante. No povo daqueles sertões, desvalidos de qualquer lei, só existia a consciência de cada um.

O Velho tinha um passado que as pessoas desconheciam. Imaginavam um crime. Na calada de uma noite, na claridade da lua, um punhal brilhara. Na mesma luz prateada, entre cabelos escuros, um rosto moreno de mulher. Talvez um grito e um pranto convulso. Cavalos, fugas, estradas e um silêncio de casa sem portas. Era isso o que pensavam nas noites em que não conciliavam o sono e a existência do Velho se tornava incompreensível. A bondade, o riso sereno, os braços abertos e a mão que curava não poderiam existir sem mistério de morte, um pecado oculto. A alma clara esconderia salas escuras. Teria o Velho aprendido a serenidade na dor? Ninguém sabia. Nem Luís Ferreira, a quem falava tão manso.

Ele também partiria. Estava distante a tarde em que chegara com o seu comboio pela primeira vez. Na estrada, um menino indicara o rancho. Encontrou a casa sem o dono, as portas e janelas abertas. No fogão de barro, uma panela fervendo. Luís Ferreira apeou-se e esperou. Os cavalos estavam doentes, um mal lhes atacara os cascos. Andavam com dificuldade. O menino falara do Velho como benze-

dor. Dissera que todos na redondeza o procuravam e nele estavam as esperanças do comboieiro.

Uma cascata de chocalhinhos precedeu o Velho. A calça e a camisa de alvo madapolão brilhavam no sol poente. As barbas chegavam à cintura e só a poeira disfarçava o seu branco. Vinha devagar, falando aos animais como se fossem seus filhos. Os pés descalços plantavam-se no chão seco. Com um riso manso, saudou o hóspede e pediu para se sentar. Entre o vapor do café fumegante, olharam-se nos olhos e nasceu, desse instante, a amizade que os uniria.

O comboieiro nunca esqueceu da longa noite em que ficaram acordados, conversando. As palavras chegavam sem medo, como se fossem depositadas numa caixa de ferro e guardadas. Não esqueceu também a cura dos seus animais, com rezas e ervas do mato. Espan-tou-se quando o Velho não quis receber dinheiro em pagamento pela hospedagem. Disse já ter sido pago e pediu para ele voltar. Em muitos anos, Luís Ferreira conheceria a mesma abnegação e ouviria, com respeito, a voz incansavelmente doce do amigo. Desejou que a poderosa força que resguardava o Velho pudesse protegê-lo da mal-dade que tramavam contra ele.

Adiantaria fazer perguntas?

— Um homem me pediu pouso. Era como você quando chegou aqui naquela primeira tarde. Sabia dele como sabia de você. Não perguntei nada e tratei das suas feridas. Os olhos dele não paravam de me fitar. Tinha fome e comeu muito. Quando dormiu, vi seu abandono. Os homens, quando dormem, não escondem nada.

Em algum ponto da estrada, a volante avançava em marcha. Os soldados suavam as camisas verdes e esfregavam os rostos queimados de sol. A fome e as pedras do caminho aumentavam o seu furor. Entre a casa do Velho e eles restavam poucas léguas. Ao final da marcha, teriam a casa pela frente, o alpendre e os olhos do Velho, marcados pela longa espera.

— Ele me contou sua história triste. Deixei que ficasse o tempo que quisesse. Eu não podia expulsá-lo. Isso não. O mundo todo já estava contra ele.

Na marcha, os soldados aplicavam o chicote de couro cru. Os homens, habituados ao maltrato da natureza, recebiam aquele castigo,

contritos de uma pesada culpa a expiar. Desde meninos, acostumavam-se à expiação. Toda dor era carpida em nome de algum pecado cometido por eles mesmos ou pelos pais dos seus pais. As costas curvavam-se ao braço forte dos soldados. Um crime tinha sido cometido e todos deviam pagar.

— Chagas foi embora sem se despedir. Numa manhã, sua rede amanheceu vazia. Não sei se ele aguenta andar muito, com os pés tão feridos. Aqui poderia ter ficado o tempo que quisesse, até melhorar o sofrimento. Mas preferiu continuar fugindo.

O Velho terminou de falar e Luís Ferreira pensou na partida. De madrugada, quando o orvalho esfria o mundo, selaria o cavalo. Talvez cruzasse com a volante, pois ia no rumo contrário ao dela. Mas nada podia fazer. O Velho o fizera jurar que não enfrentaria os policiais. Ele esperava a visita dos soldados. A vida toda fora um espreitar de armadilhas, prontas a apanhá-lo nos seus entrançados. Habituará-se ao perigo. A paz de sua casa, as portas e janelas abertas existiam porque espantara o medo dali.

— Eu estou pronto para qualquer encontro — disse, na hora da despedida.

A espera da volante não seria como a da noite. Os olhos procuravam sinais na estrada: uma poeira distante, a corrida de animais rasteiros, a fumaça delatora de um fogo aceso. Quando os soldados viessem, de longe se escutaria o ranger das botas, os hinos cantados com força, exaltando honra e dever. As árvores revelariam sinais. Com certeza, perderiam o brilho verde das suas folhas. E as vacas, que tudo presentem, reteriam o leite nos peitos inchados. Como praga de seca, os homens passariam matando, amofinando o que caísse debaixo da força maldita dos seus olhos.

O tempo não se marcava pelo relógio de antes. Como bichos escapados de uma broca queimada, as pessoas passavam correndo, sem se deter. Um medo guardado nas pedras era revolvido pelos gritos e pela pólvora dos soldados. Ninguém mais tinha dúvida de que cometera um crime. Era preciso fugir, se esconder, trair, se necessário.

A vida do homem é perigosa, porque a morte se planta em lugares incertos. Andando, ele esbarra com ela, emboscada no meio do caminho. Parado, ela vem ao seu encontro, trajada em muitos

disfarces. Há sinais que guardam a revelação do perigo. Viver é a ciência de decifrar estes sinais.

O Velho muito aprendera. Sabia da chuva e do verão, pois lia no vento. Sabia dos animais e das plantas, de observá-los. Às pessoas, tinha aberto a sua casa e olhado nos seus olhos. O tempo vivido dava-lhe a certeza do momento, da perigosa hora em que tentariam ultrapassar sua porta, estando ela aberta. De procurar ver, enxergava antes do acontecido. Como agora, quando o verde da camisa suada dos soldados era visível, e não havia mais dúvidas de que o esperado encontro, finalmente, estava para acontecer.

Faca

Uns ciganos acharam a faca. A prata perdera o brilho e já não havia sinal de sangue na lâmina.

— O cabo é de ouro — disse uma velha, os olhos sonhando um trancelim dourado.

Outro cigano pensou num bom negócio, na feira da cidade próxima. Aquele objeto estranho, que o tempo cercara de mistério, assombrava.

— Escondam!

— Por que esconder? Não mora mais ninguém na casa.

— Tenho medo. É amaldiçoada.

Desde o dia em que Francisca Justino arrancou-a das mãos do seu tio materno e arremessou-a no terreiro. Afirmou-se que Francisca não atirou a faca. Mas todos viram seu gesto: os dois tios maternos, Pedro e Luiz Miranda, o tio paterno, Anacleto Justino, os negros escravos e até um curador que estava de passagem.

— Não matem meu pai — gritou Francisca desesperada.

— Não matem meu irmão aqui dentro da minha casa — pediu Anacleto Justino.

A filha partiu para cima dos tios e conseguiu arrancar das mãos deles o punhal que matara sua mãe. Um vaqueiro que vinha do curral viu uma ave prateada, reluzindo e voando no espaço. Durante os anos que correram pela frente, as pessoas procuraram a faca. Ninguém achou. Duvidaram que Francisca tivesse tido força para arremessá-la longe. Domísio Justino, motivo de tanto ódio, guardava-se trancado num dos quartos escuros da casa. Talvez tenha escutado o choque do metal contra alguma pedra do chão e o seu último tinir, antes de

perder-se no terreiro. Se escutou, guardou esse barulho consigo até a morte.

— Selem os jumentos e vamos embora.

— E o pernoite? — quis saber um cigano.

— Aqui eu não passo nem meia hora.

— Pois eu tenho coragem de dormir lá dentro.

— Eu, nem na calçada. E acho bom jogar esta faca por aí mesmo, onde sempre esteve. Muitas águas já correram.

Já havia passado o inverno e o gado estava no tempo de vender. Restava tocá-lo pelas estradas, no rumo da capital. Enfrentar viagem comprida, sem data certa de retorno.

— Não sei dizer quando volto — Domísio Justino falou, de costas para a mulher, não se dando ao trabalho de virar a cabeça.

Donana ficou calada. O verão ia ser de muita fartura, os paioís cheios de legumes.

— E vai demorar muito? — arriscou perguntar.

A fala grossa de Domísio nada respondeu. Quando voltava de viagem, vinha triste, uma saudade grande nos olhos. Alguma coisa deixava na terra distante, uma capital de muitas igrejas e sinos. Nem queria saber da mulher, dos seus cabelos batendo na cintura. Ela chupava toda a safra de umbu. O fruto azedo era sua vingança. O riacho que corria atrás da casa, o único deleite. Tomava banho nua, os cabelos boiando na correnteza. Só nessas horas conseguia esquecer o marido que tardava.

— Voltou? — perguntavam os irmãos de Donana todas as tardes, quando passavam a cavalo.

— Não — respondia ela, tristonha.

Pedro e Luiz Miranda se calavam. Os treze filhos de Domísio esqueciam o pai. Francisca, a mais velha, não conseguia esquecer. Da janela, onde quase morava, buscava uma poeira distante, que era o sinal de sua vinda próxima.

Os olhos do cigano faiscavam de cobiça.

— Quem lembra deste punhal se já se passaram tantos anos? Eu corro o risco de ficar com ele. Não tenho medo de maldição.

O ouro do cabo formava duas serpentes enroscadas.

— Dá um par de brincos e dois anéis — disse a cigana velha. Olhava a larga sala da casa, o palco onde tudo acontecera. O que guardariam dos gritos de ódio e medo as paredes esburacadas, os telhados em ruína? Onde estavam as vozes da família infeliz?

— Ele matou sua mãe — disseram os irmãos de Donana.

— Mas ele é meu pai — respondeu Francisca, chorando, agarrada à mão do tio, tentando arrancar a faca que o cigano segurava com desejo. A mesma que Domísio enterrara nas costas da sua mulher, dando começo à desgraça.

O vaqueiro guardou, até o fim da vida, o brilho nos olhos, aquele pássaro de asas prateadas escapulindo da morte. Anacleto Justino, que além de querer salvar o irmão desejava justiça, protegeu a sobrinha da ira dos outros tios.

— Minha mãe — chorou Francisca.

— Ele voltou, minha filha — consolou Donana, redonda de gorda de tanto chupar umbu.

Já fazia um ano que o marido partira e só agora retornava. A poeira das estradas vestira Domísio de marrom. Dava para enxergar que estava mais magro e mais triste. A viagem era comprida. Os homens comiam rapadura, farinha e carne-seca assada. Dormiam em redes, dependuradas nos galhos das árvores. Todo o gado do sertão tinha de ser tocado para a capital, abrindo novas trilhas.

— Assente o juízo — disse Anacleto Justino. O povo já anda desconfiado dessas suas demoras. O que tem de tão bom nessas terras que faz você esquecer mulher e filhos?

Domísio não respondeu. Era muito diferente do irmão. Como ele, tinha riquezas. Também habitava aqueles sertões secos, herdados de gerações antigas. Mas, ao contrário dele, não gostava de estar

quieto, assentado num mesmo lugar. Preferia correr o mundo, tocar as boiadas pela estrada, em busca da capital. Ver outros rostos e se apaixonar. Risco que o irmão não compreendia.

— Você enlouqueceu!

— O que foi que eu fiz? — gemeu Domísio, abraçado à filha, quando Anacleto Justino escondeu-o na sua casa para protegê-lo da vingança dos irmãos de Donana.

A mesma casa no terreiro na qual os ciganos encontraram a faca, cem anos depois.

— Está de noite? — perguntou a cigana velha, quando se viu no centro da casa.

— Não, está de dia mesmo. É porque nesse quarto escuro ninguém sabe o que é dia nem noite. E, depois de um mês, tudo se mistura.

— Foi aqui que o infeliz se escondeu quando cometeu a loucura?

— Foi aqui mesmo.

Na escuridão, seria possível adivinhá-lo, andando de um canto para outro, tentando sentir o mundo pelos ruídos que chegavam aos seus ouvidos.

— Eles tornaram a passar, Domísio.

— Eles quem, Anacleto?

— Seus cunhados, Pedro e Luiz.

— Eu sei. Aqui onde nada vejo tudo escuto.

— Se me perguntam por você, digo tudo. Não sei mentir.

— É mentira — falaram os dois irmãos de Donana, irados, as cabeças baixas, remoendo o ódio.

— É verdade. Eu vi as marcas dos chinelos no riacho onde ela toma banho. Chinelos grandes e pequenos — afirmou Domísio, que

chegara havia quinze dias de sua longa viagem à capital. Não abraçou os filhos nem olhou os cachorros. Os olhos perdidos na terra distante. De noite vagava, com o sol dormia.

Os vaqueiros, que voltaram com ele, falaram da cidade no primeiro dia. Do seu rio, no segundo. No terceiro dia, todos sabiam de uma mulher bonita e jovem com quem Domísio acertara casamento, passando-se por solteiro. Estava perdidamente apaixonado.

— E você pretende fazer o quê? — perguntou Anacleto Justino, enfurecido com a loucura do irmão.

— Inventar qualquer história que me livre de Donana.

Os dois cunhados levantaram as cabeças a um só tempo, os olhos faiscantes. Os cavalos riscavam o chão, umas léguas de terra que eram a riqueza e o poder da família. Os arreios de prata tiniam.

— Por estas e outras eu posso afirmar que minha mulher Donana está me traindo. Que anda deitando com outro homem na beira do riacho — disse Domísio.

Os cavalos balançaram as cabeças.

— Não faça nada sem apurar a história direito — disse Pedro Miranda, o mais velho, quase sem conseguir falar. — Se for verdade, pode punir os culpados, do jeito que é devido. Mas, se tudo isso não passar de testemunho falso, prepare-se para a vingança.

Os cavalos sentiram as esporas dos seus donos.

— Mãe de Misericórdia — gemeu Donana, piedosa, ajoelhada aos pés do oratório, onde desfiava a única culpa: existir. Quando cochilava, do cansaço do dia de muito trabalho, Francisca tomava a frente no terço. Os irmãos respondiam em coro: — “Eia pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos, a nós volvei.” — Enquanto o pai vagava pelos terreiros, o pensamento na mulher de longe. Pensando na volta. — “E depois deste desterro, um caminho me mostre” —, na hora que Donana gritou, o corpo lavado em san-

gue, tingindo um riacho, e depois um rio e depois um mar. — “A vós bradamos” —, nas últimas forças correndo, os filhos todos atrás, só Francisca teve coragem de procurar o pai, sabia que ele estava no meio do mato.

— Se esconda na casa do seu irmão.

Os degredados filhos de Eva alcançaram a mãe quando ela caiu morta, as mãos cheias de umbu.

A faca correu pelas mãos de todos os ciganos. Quem a segurava, tremia. Pouco guardava do antigo brilho. Aquela luz cega de morte, que horrorizou Francisca e lhe deu força para lutar com os tios maternos.

— Eu compreendo o ódio de vocês — tentou falar calmo Anacleto Justino. — Mas respeitem a casa e as leis da hospitalidade. Sobretudo, quando esta hospitalidade é para um irmão.

Luiz e Pedro choravam. Pela primeira vez, desde que aprenderam que choro envergonha.

— Ela estava inocente — disseram.

Francisca gemeu, encolhida num canto. O enfado da luta doía-lhe o corpo.

— Por isso eu peço — falou Anacleto —, aqui dentro desta casa, não. Em qualquer lugar, nas estradas, no meio do mato, onde vocês o encontrarem, quando ele for embora.

E nunca mais voltar e nem se tiver nenhuma notícia. Visto pela última vez numa manhã nublada, o corpo branco, do tempo que ficou sem tomar sol. Morto, certamente. Ou esquecido, como o punhal que os ciganos largaram no terreiro.